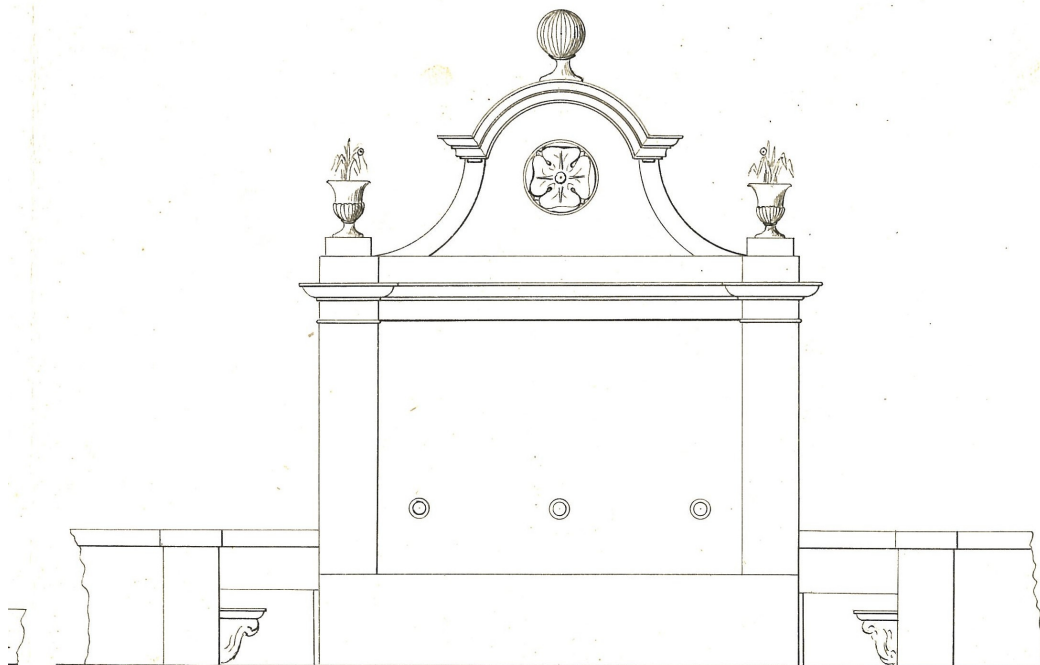


Projecto de chafariz a construir no Passeio Alegre  
(Abril de 1885)  
Cota CMPV/POP 10 (06) | Projecto de Obra Municipal

*Alçado*



*Escala = 0,02 : 1,00*

NEWSLETTER:

Dando continuidade à *nossa nova* rubrica on-line: *Páginas de História com Estórias*, passamos a apresentar o documento do mês de Maio deste espaço cultural.

DOCUMENTO DO MÊS DE MAIO:

**Projecto de chafariz a construir no Passeio Alegre**

(Abril de 1885)

Cota CMPV/POP 10 (06) | Projecto de Obra Municipal

## CHAFARIZ A CONSTRUIR NO PASSEIO ALEGRE

(Abril 1885)

O documento escolhido para este mês de Maio é relativo a um chafariz no passeio Alegre, datado de 1885. Pertencente à série documental de Projectos de Obras Municipais, este documento contém apenas um desenho da planta e o orçamento para a sua construção.

A ideia é fazer uma breve referência às fontes e chafarizes que já existiram ou ainda existem na Póvoa. Elemento primordial, a água é o requisito indispensável para a satisfação das múltiplas necessidades do quotidiano e nem sempre esteve ao acesso fácil das populações. Sendo a Póvoa uma terra piscatória, a água era *“de muito maior necessidade para ella do que a outra qualquer que a iguale em população em virtude da maior abundância que se exige deste líquido para se fazerem as tintas com que se encascão as redes”* e ainda para *“a lavagem dos aprestos da pescaria”*

Antes da edificação do aqueduto que abastecia o tanque da Praça Nova, ou seja, nos meados do séc. XVIII, a água escasseava no centro do povoado. A pia ou lavadouro do Boído era a única saída de água no núcleo urbano, mas não era potável, servindo apenas para lavar. As fontes encontravam-se espalhadas pelos arrabaldes, onde a população que não tinha poço doméstico, recorria.

A Provisão Régia de D. Maria I de 1791 <sup>\*</sup> dotou a vila de uma importante e inexistente infra-estrutura que viria a facilitar o abastecimento de água ao centro da povoação: o aqueduto que transportava a água da Fonte do Ruivo, *abastecida* pela Fonte da Bica, à Praça do Almada. Denominava-se, então, em 1795 de *arcos da agoa publica*, importantes referências do cenário da vila, junto ao núcleo antigo. Depois conhecido por Aqueduto de Coelho, foi portanto uma infra-estrutura que, outrora, levava as águas do lugar de Coelho para a Praça do Almada e representa a prosperidade da comunidade poveira no final da época setecentista.

---

<sup>1</sup> in Acta da Câmara | 10 Setembro de 1824 e 11 Março de 1825 | CMPV 0019

A construção deste aqueduto para o abastecimento do tanque da Praça Nova deveu-se ao crescimento económico e demográfico da Póvoa, depois de se ter tornado a fonte abastecedora de peixe das províncias do norte de Portugal na segunda metade do séc. XVIII.

Para além de preencher a necessidade de falta de água potável no centro da urbe, o aqueduto era fundamental para continuar o processo de expansão urbana. A água era colhida na Fonte da Bica<sup>2</sup> e era conduzida por uma calha coberta, com pedras encaixadas umas nas outras para a Fonte do Ruivo, onde começava o aqueduto.<sup>3</sup>

Infra-estrutura que necessitava de cuidados permanentes, sabemos que, em 1816, foram gastos mil quatrocentos e cinco réis no “*concerto e retoque dos acdutos*”.<sup>4</sup> Deste sobrou parte significativa, apesar de escondida, junto ao Bairro da Matriz, que foi em tempos aproveitado para fazer muros.

O aqueduto trazia a água para o centro da área urbana onde, no espaço mais nobre da vila - a Praça Nova, o tanque público<sup>5</sup> a oferecia à população. De referir que este tanque não é ainda o chafariz indicado na Provisão Régia de 1791, a construir “*nomeyo*” da Praça do Almada, para oferecer a água à população. Esse só viria a ser construído aquando do projecto da edificação de um mercado na parte poente da praça, datado de 1868, e que coloca no centro desse espaço o chafariz previsto décadas antes.

Outro chafariz existente na Póvoa, datado de 1885 é o do Passeio Alegre\*. De resto, o documento escolhido para destaque este mês é precisamente o Processo de Obra Municipal relativo a esse exemplar.

O abastecimento doméstico de água era feito através da ida à fonte quando não se dispunha do poço particular, e eram várias as que existiam na Póvoa e algumas ainda existem. Em tempos de valor funcional, simbólico e ornamental, era em redor das fontes que se desenrolava a vida local, contando com a presença da água para o seu desenvolvimento económico.

---

<sup>2</sup> ou Fonte do Coelho

<sup>3</sup> in Amorim, Sandra Araújo | *Vencer o Mar, Ganhar a Terra* - Na Linha do horizonte | Biblioteca Poveira | CMPV 2004

<sup>4</sup> in Acta da Câmara | 10 Julho 1816 | CMPV 0018

<sup>5</sup> hoje esse chafariz está colocado na traseira da Igreja de N.ª Sr.ª das Dores.

No lugar do Coelhoheiro encontrava-se uma importante fonte, a primeira de água potável, a nascente da Bica. Denominada de Fonte da Bica ou Fonte de Coelhoheiro é uma fonte histórica da cidade, pelas razões já apontadas neste texto. As mais antigas referências conhecidas a essa fonte datam de 1553 e 1567. Foi, então, outrora a principal fonte que fornecia água ao centro da cidade e ao qual estão associadas lendas e tradição casamenteira.

Dizia-se que a fonte além de "*providenciar magnífica água potável*" providenciava também "*às raparigas solteiras um meio excelente de provisão de matrimónio*". Para tal bastava atirar uma pedrinha para o nicho que remata a fonte, se caísse dentro o matrimónio era certo.<sup>6</sup> Outra lenda a ela associada era que nas noites de sexta-feira de Lua Cheia o Diabo passava pela fonte em direcção à Ponte do Coelhoheiro<sup>7</sup> por cima do ramal de Famalicão.

Considerada a fonte de onde brotava "*a água mais leve e mais pura que há em terra de Beira Mar; da abundância dágua de que se provê todo o numeroso povo do corpo da villa, e d'estes arrabaldes sem que nunca secasse*"<sup>8</sup>, hoje tem sido alvo de vandalismo, apesar de se encontrar protegida como património pelo município.

Parte da água procedente da mina do Coelhoheiro foi conduzida, em calhas de pedra, até à Fonte do Ruivo, implantada numa construção de cantaria no Lugar dos Favais, de onde seguia pelo aqueduto. Em 1828 foi mandada fazer uma calçada junto à fonte, o que faz supor que seria movimentada. Daqui, e como já vimos, a água seguia em calhas de cantaria até atingir o centro da povoação.

No Lugar da Vila Velha, a população abastecia-se na Fonte da Moura<sup>9</sup> Encantada ou do Castro, ligada à divindade pagã *Moura* e não ao povo mouro. É uma fonte antiga situada a nascente da Estrada Nacional 13, na freguesia de Navais. Outrora, a sua água era usada para celebrar missas, à semelhança da fonte da Bica, o povo também atribuía a esta lendas e virtudes mágicas, desde uma junta de bois de ouro que ali aparecia até bruxas que ali se penteavam durante a

---

<sup>6</sup> in Baptista de Lima, João | *Póvoa de Varzim - Monografia e Materiais para a sua história*. | Na Linha do horizonte - Biblioteca Poveira | CMPV 2008

<sup>7</sup> ou Ponte do Diabo

<sup>8</sup> in *Notícia da Villa da Póvoa de Varzim* | Francisco Félix Henriques da Veiga Leal | 24 Maio de 1758, transcrita por Fernando Barbosa in *O Concelho da Póvoa de Varzim no século XVIII. As Memórias Paroquiais de 1736 e 1758* | Boletim Cultural Póvoa de Varzim | vol.I n.º 2 - 1958

<sup>9</sup> ou Fonte da Vila Velha

noite. Situada a algumas dezenas de metros abaixo do outeiro do antigo Castro de Navais, um povoado castrejo, é uma fonte bastante antiga, claramente romanizada.

Já no centro da vila, na Praça do Almada existia, pelo menos desde finais do séc. XVII, uma pia e fonte conhecida por Fonte do Boído, da qual *“se serve ho povo de agoa limpa”*.<sup>10</sup> Os dois tanques para lavadouro de panos<sup>11</sup> que se fizeram nos inícios do séc. XIX foram edificados no local desta fonte.

Existia também a denominada Fonte de São Pedro de Rates na aldeia de Casal em Balasar, mítico pregador da cristandade na região que terá sido martirizado nessa fonte, posteriormente dita milagrosa.

Também em Balasar temos conhecimento da existência de outras duas fontes consideradas municipais ou sob a administração da Câmara, a de Vale d'Areia e a de Fontela. A primeira por estar à frente do caminho municipal e exposta ao uso de todos - animais e pessoas, mudada para aquele local por escritura de 24 de Novembro de 1904<sup>12</sup>; e a da Fontela por se situar num largo público onde passam dois caminhos municipais, *“porque o reservatório das águas dessa fonte feito de granito e com torneira de metal foi custeado pela Câmara”*<sup>13</sup>

Ao que parece a maioria das fontes tinham alguma crença ou lenda a elas associada. Numa fonte de Rates existia uma pedra furada que, segundo crença popular, tinha efeitos curativos em casos de esterilidade, sendo vingativo para com as fêmeas, mulheres e animais quando grávidas. Por este motivo no dia 26 de Abril, em algumas aldeias as mulheres grávidas e os animais não trabalham.

Um outro fontanário é aquele que se situa no Largo Eça de Queirós, denominado de Fontanário de São Sebastião<sup>14</sup>, quase de frente para o cruzeiro encimado por um singelo Cristo crucificado. Um exemplar de duas bicas, construído em 1855, onde se pode admirar um painel de azulejos que ilustra uma cena bíblica da Samaritana. Encimado por um brasão

---

<sup>10</sup> in *Toponímia da Póvoa de Varzim* | Jorge Barbosa | Boletim Cultural da Póvoa de Varzim | vol. VIII n.º 1

<sup>11</sup> in Acta da Câmara | 7 Julho de 1824 | CMPV 0019

<sup>12</sup> in Registo de Escrituras | CMPV 1214

<sup>13</sup> in Projecto de Obra Municipal | *Informação e Parecer para classificação das fontes de Balasar* | CMPV - POM 25 (13)

<sup>14</sup> nome que, de resto, aquele largo já teve até 1905

da Póvoa esculpido em pedra, e a imagem de uma mulher de túnica e manto, em pé, apoiada numa âncora.<sup>15</sup> Este fontanário, à semelhança da maioria de todos os outros, invoca o antigo e importante papel que esta construção teve no abastecimento público de água.

A limpeza das fontes públicas era assegurada pelos moradores, sob ordens camarárias<sup>16</sup>, só por volta de 1830 é que passa a ser competência da Câmara assegurar a limpeza, sempre que necessária, das fontes, tanques, aqueduto e rios de lavar. Como o fornecimento público de água ao centro urbano era deficiente, eram vários os poços existentes nos quintais das casas, quer no núcleo urbano quer na zona rural, para compensar os poucos recursos colectivos.

As fontes adornam praças e jardins, com um simbolismo impar de labor e descanso, de encontro e conversa, são sítios de referência em qualquer tecido urbano. Houve-as e não-as, em todo lado e em toda a parte, com valor próprio de uma época ou local.

\* documentos que integram o espólio do Arquivo Municipal.

---

<sup>15</sup> conhecida na Póvoa por cara da Póvoa ou a Mãe Póvoa

<sup>16</sup> in Acta da Câmara | 15 Outubro de 1791 | CMPV 0016